

Pretty Woman, Frega E Wall Street

A Saga De Wall Street

Alguns filmes se tornam clássicos. Outros se tornam espelhos.

Pretty Woman foi os dois.

Milhões de pessoas assistiram e viram uma história de amor.

Eu assisti de novo e vi outra coisa.

Vi um filme sobre solidão disfarçada de riqueza.

Um filme feito para sonhadores, especialmente aqueles que nunca chegaram aonde queriam e encontraram refúgio na fantasia em vez da realidade.

Ao longo dos anos, aprendi que os filmes nunca revelam seus segredos no enredo. As partes interessantes estão escondidas nos detalhes.

Edward Lewis é um titã das finanças.

Ele pode comprar empresas.

Ele pode comprar hotéis.

Ele pode comprar um andar inteiro de um prédio sem olhar o preço.

Ainda assim, não consegue encontrar uma mulher.

É por isso que acaba conhecendo uma numa rua de Hollywood.

Não porque está procurando sexo.

Porque está procurando conexões.

A ironia é quase dolorosa.

Quanto mais rico ele fica, mais distante parece estar da única coisa que não pode comprar.

As pessoas costumam dizer que as mulheres estão em busca de homens ricos.

Essa nunca foi a minha experiência.

A maioria das mulheres não está em busca de riqueza.

Está em busca de estabilidade.

O dinheiro em si costuma ser apenas uma ferramenta.

Comida na mesa.

Segurança para os filhos.

Proteção para as pessoas que amam.

Uma mulher pensa em termos de pessoas.

Um homem, muitas vezes, pensa em termos de ativos.

Essa diferença explica mais sobre a história humana do que a maioria dos livros de economia.

Depois há a suíte cobertura.

O melhor quarto.

O andar mais alto.

O tipo de vista que pessoas bem-sucedidas deveriam apreciar.

Só que Edward não consegue apreciá-la.

Ele tem medo de altura.

Ele possui o ponto mais alto do prédio, mas nunca realmente olha para fora.

Conheço muita gente assim.

Passam a vida inteira escalando.

Depois chegam ao topo e descobrem que têm medo da vista.

Mais tarde ele admite que comprar a empresa do pai o fez se sentir bem.

Pense nessa frase.

Um bilionário comprando conforto emocional.

Uma aquisição corporativa usada como terapia.

A empresa nunca foi o objetivo.

O sentimento, sim.

O balanço patrimonial era apenas o sistema de entrega.

Depois vem meu momento favorito.

A grama.

Ela pede para ele andar descalço.

Nenhuma sala de reunião.

Nenhum advogado.

Nenhuma negociação.

Apenas um homem sentindo a terra sob os pés.

Por alguns segundos, o sumo sacerdote de Wall Street se reconecta com algo mais antigo do que o dinheiro.

A realidade.

A natureza nunca manda faturas.

É por isso que tantas pessoas bem-sucedidas acabam sentindo falta dela.

A próxima contradição é ainda melhor.

Ele defende a dignidade de uma mulher que ele mesmo contratou.

Ele desafia um de seus próprios sócios por causa da honra dela.

O empresário que entrou na relação acreditando que tudo tinha um preço descobre, de repente, que algumas coisas não têm.

Respeito.

Dignidade.

Afeto.

Confiança.

Os mercados são excelentes em precificar coisas.

São péssimos em valorizá-las.

O filme poderia ter terminado ali.

A lição já estava completa.

Mas Hollywood entende a fraqueza humana melhor do que a maioria dos filósofos.

A realidade raramente vira um sucesso de bilheteria.

A fantasia, sim.

Então, Edward volta com rosas vermelhas.

A limusine chega.

A música sobe.

O conto de fadas é entregue exatamente no prazo.

E a plateia sai acreditando que o amor venceu o dinheiro.

Não tenho tanta certeza.

Acho que o filme sobrevive porque conta uma história diferente.

Não a história de uma mulher resgatada por um homem rico.

A história de um homem rico resgatado de si mesmo.

Há uma razão para homens de terno caro amarem esse filme há décadas.

Não porque sonham em ficar ricos.

Muitos deles já são.

Assistem porque suspeitam que deve haver algo além do próximo negócio, da próxima aquisição, do próximo bônus, da próxima vitória.

Continuam procurando evidências.

Para muitos deles, Pretty Woman é a evidência.

Uma fantasia de duas horas que sugere que ainda pode haver um ser humano por baixo do terno sob medida.

Então, o que resta depois que os créditos sobem?

Não as rosas.

Não a cobertura.

Não o dinheiro.

Nem mesmo a história de amor.

O que resta é uma observação simples.

Tudo que um homem constrói começa com uma mulher em algum lugar ao fundo.

Uma mãe.

Uma irmã.

Uma esposa.

Uma filha.

Uma estranha.

E, mais cedo ou mais tarde, a vida tem o estranho hábito de trazê-lo de volta a essa verdade original.

O erro é acreditar que ela pode ser comprada.

Não pode.

A jogada mais inteligente é prestar atenção.

E esperar.

Porque as mulheres têm um radar para casos especiais.

Na maioria das vezes, reconhecem muito antes dos homens.

Ferdinando Frega

Ferdinando Frega — gillettenarrative.com